

**Divino Instante: Amor e erotismo nas Poesias de Florbela Espanca**  
**Divine Instant: Love and eroticism in the poetry by Florbela Espanca**

Zoélia Tavares de Castro<sup>1</sup>

Rubenilson Pereira de Araujo<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este artigo tem como foco central a análise de algumas poesias de Florbela Espanca, tendo como temática o amor e o erotismo. De personalidade expressiva, com uma profunda riqueza interior, Florbela fez poesia de sua experiência de vida, pondo em destaque um sujeito lírico que é assumidamente feminino e transgressor para os padrões da época. Para realização da análise dos sonetos, discussões teóricas sobre amor e erotismo, tomando por base autores como Octavio Paz (1994;2014), Giddens (1993) e Moisés (2001).

**Palavras-chaves:** Poesia; Amor; Erotismo; Florbela Espanca.

**Abstract:** This article focuses on the analysis of some poems by Florbela Espanca, whose theme is love and eroticism. Of expressive personality, with a deep inner richness, Florbela made poetry of her life experience, highlighting a lyrical subject who is admittedly female and transgressor by the standards of the time. For the analysis of the sonnets, theoretical discussions on love and eroticism, based on authors such as Octavio Paz (1994;2014), Giddens (1993) and Moisés (2001).

**Key-words:** Poetry; love; eroticism; Florbela Espanca.

**Submetido em 20 de abril de 2020**

**Aprovado em 15 de julho de 2020**

### **Introdução**

O presente estudo tem como objetivo analisar as configurações imagéticas e poéticas na poesia erótica de Florbela Espanca. Poeta lusitana, cuja produção se deu nas primeiras décadas do século XX, representa o amor, a dor, as paixões e erotismo em sua poesia. A referida autora explorou várias formas literárias, entre elas contos, poesias, diários e ensaios críticos. Porém, sua preferência recaiu sobre a poesia, na forma de soneto, com predominância de características do gênero lírico. São poesias em que não se cristalizam personagens nítidos e que, ao contrário, uma voz central quase sempre um “eu lírico” exprime seu próprio estado da alma.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Email: zoeliatavares@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela UFT. Professor doutor da Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional – TO. Email: rubenilsonaraujo@mail.uft.edu.br

O objetivo principal desse artigo é fazer uma análise do eu poético que se apresenta na poesia de Florbela Espanca, e que na maioria das vezes, está ligado às temáticas do amor, da saudade, da angústia e do erotismo decorrentes de experiências conturbadas, que se volta para um lado obscuro e melancólico. Neste estudo, procura-se compreender a voz da dor em sua construção poética, assim como, as oscilações feitas pelo “eu lírico”. Para a composição desse trabalho, primeiramente, será feita a leitura de algumas obras críticas que esclarecem um pouco mais sobre o assunto abordado. Logo em seguida, a escolha de alguns poemas representativos, os quais serão analisados para tentarmos chegar ao objetivo do nosso estudo: analisar a presença do amor e do erotismo nas poesias de Florbela.

Analisaremos algumas poesias presentes em *Livro de Sóror Saudade* e *Charneca em Flor*. Em *Livro Sóror Saudade* a subjetividade<sup>3</sup> é configurada de uma forma mais sufocada, pois a poetisa encontra-se ainda submissa aos valores culturais de sua época. Em tais sonetos, podemos ver uma poesia marcada pela dor, pelo desejo e a busca de uma felicidade nunca encontrada. Já em *Charneca em Flor* percebemos uma maior ousadia do “eu lírico” na luta contra as tradições sócio-culturais de seu meio. Nesta obra, a voz lírica irá possibilitar um posicionamento de poder e grandeza para o equilíbrio da própria autora e para o equilíbrio tenso com o mundo a sua volta. Para estabelecer uma perspectiva de análise será importante conhecer a poetisa em seu contexto vivencial, tanto no que diz respeito a sua vida privada, quanto ao que diz respeito às influências culturais, particularmente as literárias, que funcionam como base para sua construção poética.

### **A Bela Florbela**

Florbela Espanca trancou-se no quarto. Passava-se das duas horas da manhã. Ao marido, Mário Lage, deixou a recomendação de que não fosse incomodada até a manhã do dia seguinte. E de fato não fora, nunca mais. Naquela madrugada, deitada na cama, sem “haver gestos novos nem palavras novas”, como escrevera dias antes no seu *Diário do Último Ano*, a poeta portuguesa suicidou-se ingerindo dois frascos de barbitúrico.

Desde então, há vários estudos e biografias. A fama de transgressora, por ter desafiado os preceitos da sociedade portuguesa da época, casando-se três vezes e

---

<sup>3</sup> Sobre o conceito de subjetividade, veja Ludwig (2018), que discute a distinção entre subjetividade e interioridade na literatura.

frequentando a boemia, fumando e bebendo. Florbela transformou-se em uma precursora do feminismo com suas poesias que falam de amor e liberdade: “eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos[...] A Vida meu amor, quero vivê-la!” (ESPANCA, 2015, p. 56). Ela era mesmo não aceita nos meios literários, porque era mulher e as mulheres não adentraram o espaço restrito aos homens da Geração Orpheu, e também porque, movida por circunstâncias da sua vida pessoal, esteve quase sempre confinada a meios provincianos: Vila Viçosa e Évora, no Alentejo, tendo apenas residido em Lisboa pouco mais de seis anos, e assim com longos períodos de afastamento da capital para tratamentos de saúde.

Florbela d’Alma da Conceição Espanca (Vila Viçosa, 8/ 12/ 1894 – Matosinhos(08/ 12/1930), filha dos amores ilegítimos de um pequeno burguês (João Maria Espanca) e de uma empregada doméstica (Antónia da Conceição Lobo) nasceu no Portugal ainda monárquico, sob o signo de uma marginalidade que é explícita desde logo na sua certidão de batismo, documento que a distingue como “filha de pai desconhecido”, porque o pai, ainda que a tenha acolhido em casa desde o nascimento, só a legitimaria, efetivamente em junho de 1949, quase dezenove anos depois da sua morte.

O romance de Antónia Lobo com João Espanca durou por volta de sete anos, resultando no nascimento de mais um filho a quem chamara Apeles que nasceu dia 10 de março de 1897. Figura muito importante na vida de Florbela. Ambos foram criados pelo pai e pela madrasta desde o nascimento, e registrados como filhos de pai incógnito.

No ano de 1919, Florbela publica sua primeira obra, o *Livro de Mágoas* e se muda para Quelfes, próximo a Olhão, depois de um aborto involuntário. Em 1921 sai o divórcio de Florbela e Alberto Moutinho. Nesse mesmo ano Florbela se casa com o alferes da artilharia da Guarda Republicana, Antônio José Marques Guimarães e se mudam para Matosinhos. Mas a sua formação machista e seu temperamento forte não o deixam ver Florbela como pessoa, nem como artista. Em 1923 é publicado o *Livro Sóror Saudade*, um dos principais livros de sonetos que irá consolidá-la como grande sonetista da Literatura Portuguesa. Três anos e meio depois do casamento Florbela Espanca separa-se de Antônio Guimarães e desabafa:

Sofri todas as humilhações, suportei todas as brutalidades e grosserias, resignei-me a viver no maior dos abandonos morais, na mais fria das indiferenças; mas um dia chegou em que me lembrei que a vida passava, que a minha bela e ardente mocidade se apagava, que eu estava a transformar-me na mais vulgar das mulheres, e por orgulho, e mais

ainda por dignidade,olhei de frente, sem covardias nem franquezas,o que aquele homem estava a fazer de minha vida, e resolvi liquidar tudo e simplesmente, sem um remorso, sem a mais pequena mágoa. Estou a divorciar-me e para me casar novamente, se a lei mo permitir, ou para viver assim, se a moralidade do Código o exige. (ESPANCA, 2015, p.11).

Em 1925 Florbela casa-se pela terceira vez, agora com o médico Mário Lage, homem sensível às obras poéticas de sua esposa. Quando tudo parecia melhorar em sua vida, uma tragédia acontece com Apeles, seu único irmão querido, com quem a poetisa tivera uma relação muito intensa, e que era seu ponto de apoio. A morte do irmão causou em Florbela uma fortíssima destruição, o maior choque da sua vida. Após esse acontecimento Florbela nunca mais foi a mesma. Após o falecimento do irmão, a poetisa já passando sérios problemas em seu casamento entrega-se totalmente a angústia e passa assim a dormir apenas sob o efeito de remédios, assumindo um luto constante. Nesse poema há uma exaltação do seu irmão, ela o compara a um santo e convida a todos a louvá-lo. “(...) Santo, três vezes santo, andou pregando/ Tudo quanto há de vil, quanto há de belo, /Tudo era nosso irmão (...) (ESPANCA, 2015, p. 112). Como se percebe, há uma idealização da figura fraterna, mas que incorpora os paradoxos modernos de beleza e traços vis.

A condição de mulher foi um enorme impedimento ao desempenho de Florbela, num tempo em que apenas algumas liberdades começam a ser reconhecidas às mulheres, Florbela teve de enfrentar um mundo dominado por homens, que mostrava muito pouca aceitação às mulheres que se destacavam, por exemplo, nas artes ou na literatura. Acaba por reconhecer que se sente presa ao casamento, um sintoma de que, de fato, Florbela nasceu numa época que não era a sua, regida por normas a que dificilmente a poetisa conseguiu adaptar. Sendo considerada, mesmo depois de morta, bandeira e símbolo dos movimentos políticos e feministas, como podemos ler no soneto abaixo dedicado à mulher:

#### A Mulher

##### I

Um ente de paixão e sacrifício,  
De sofrimentos cheios, eis a mulher!  
Esmaga o coração dentro do peito,  
E nem te doas coração, sequer!

Sê forte, corajoso, não fraquejes  
 Na luta; sê em Vênus sempre Marte;  
 Sempre o mundo é vil e infame e os homens  
 Se te sentem gemer hão de pisar-te!

Se às vezes tu fraquejas, pobrezinho,  
 Essa brancura ideal de puro arminho  
 Eles deixam pra sempre maculada;

E gritam então os vis: “olhem, vejam  
 “É aquela a infame”! E apedrejam  
 A pobrezita, a triste, a desgraçada!  
 (ESPANCA, 2015, p. 148)

O eu lírico se apresenta como sujeito dilacerado e difamada por ser mulher. Expressa suas paixões, seus sofrimentos e angústias, mas se encoraja a não desistir e sempre lutar. Nesse sentido, o sofrimento advém das relações amorosas, mas também da inaceitação social pelo fato de ser mulher

## **2. O Amor: A busca eterna na poesia florbeliana**

O amor tem sido tema de muitos debates e questionamentos, ele está presente na literatura e nas artes de todos os tempos. Um sentimento que não há como delimitar tempo, espaço, sexo, raça quando se trata de algo tão profundo e singelo como o discurso amoroso. Segundo Aguiar e Ferreira (2018) afirmam que “o amor tornou-se um tema fértil em suas criações literárias, pois esse sentimento pode alimentar outras sensações como o desejo ou o sofrimento nas emoções das pessoas.” (2018, p. 114). Para Octavio Paz (1994, p. 63), apesar de todos os males e desgraça sempre se busca querer e ser querido. Para ele, o escritor que apresenta uma riqueza de personagens protagonistas do amor é Shakespeare: Julieta, Ofélia, Marco Antônio, Rosalinda, Otelo. Outro autor citado por Paz (1994) é Balzac, com sua galeria de amantes oriundos de todas as classes sociais e de todos os cantos do mundo. Em seus romances Balzac atreve-se e rompe com as convenções desde o amor cortês ao retratar em sua obra o amor homoafetivo, a paixão sublimada e casta do presidiário Vautrin por Lucien de Rubempré e da marquesa de San Rafael por Paquita Valdés. Octavio Paz (1994) conclui que diante de tanta variedade, a história das literaturas americanas e europeias é a história das metamorfoses do amor.

Pode-se pensar o amor como Barthes (1990) apregoa: amar o amor. Para ele, o sujeito anula o objeto amado, é o amor que o sujeito ama, não o objeto:

Eis, portanto, o outro anulado face ao amor: desta anulação o um lucro certo; sempre que um mal accidental me ameaça (uma ideia de ciúme, por exemplo), observo-o na magnificência e abstração do sentimento de amor: tranqüiliza-me desejar o que, estando ausente, não me pode mais fazer mal. Imediatamente, no entanto, sofro por ver o outro (que amo) assim diminuído, reduzido e como que excluído do sentimento que suscitou. Sinto-me culpado e censuro-me por tê-lo abandonado. Dá-se uma reviravolta: procuro acabar com tal anulação, obrigo-me a sofrer de novo. (1990, p. 23)

Na poesia de Espanca aparece a valorização e a despersonalização do amor, como podemos observar nos versos do soneto *Amar*, do livro *Charneca em Flor* (2015, p. 81):

Eu quero amar, amar Perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui...além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar...

O tema central desse poema é a capacidade de amar, que é enfatizada na repetição do verbo amar, dando importância no sentimento amoroso apenas, sem se levar em conta quem seja o outro, como cita Barthes (1990) “anula o sujeito” e valoriza o amor. O uso dos advérbios “aqui”... “além”... dá-nos a ideia de que para o eu lírico o lugar não importa, mas a capacidade de amar. Segundo Oliveira (1987, p. 54) é no canto de amor que Florbela constrói a sua grandeza poética, com os múltiplos sentimentos humanos: tristeza, dor, solidão, ternura e saudade como nos versos retirados do *Livro de Sóror Saudade* (2015, p. 58).

Longe de ti são ermos os caminhos,  
 Longe de ti não há lugar nem rosas,  
 Longe de ti há noites silenciosas,  
 Há dias sem calor, beirais sem ninhos! [...]

Os dias são Outonos: choram... choram... [...]

Invoco o nosso sonho! Estendo os braços!  
 E ele é, ó meu Amor, pelos espaços,  
 Fumo leve que foge entre os meus dedos!...

Percebe-se, que o amor é tratado na obra florbeliana como a essência da vida, como o próprio ar que a poeta respira: “e este amor que assim me vai fugindo [...] que há de partir também... nem eu sei quando...” O amor é visto como uma procura interminável que recomeça a cada amanhecer, dominado pelo vazio do eu lírico, bem como reverberando as paixões, o amor e o sofrimento. (AGUIAR; FERREIRA, 2018).

Para Anthony Giddens (1993, p. 10), o amor pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo. Fica claro que para o autor é necessário se manter um laço consistente entre os amantes, mas nem sempre esse desejo é compartilhado e contínuo entre os seres humanos. Desse modo, podemos sentir nas poesias de Florbela, como no soneto abaixo do *Livro de Sórora Saudade* (2015, p. 66):

Procurei o amor, que me mentiu  
 Pedi à Vida mais do que ela dava;  
 Eterna sonhadora edificava  
 Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,  
 E tanto beijo a boca me queimava! [...]

Passei a vida a amar e a esquecer...  
 Atrás do sol dum dia outro a aquecer [...]  
 E este amor que assim me vai fugindo  
 É igual a outro amor que vai surgindo,  
 Que há de partir também... nem eu sei quando ...

A bela Florbela nos mostra em suas poesias uma multiplicidade de emoções ligadas ao amor, desde a exaltação dos sentimentos, até ao desejo de sacrifícios, oscilando entre momentos de plenitude amorosa e de intensa fragilidade emocional, decorrentes de relações frustradas. Assim, para Florbela, amar é uma experiência única, é vida, é amar,

amar perdidamente. Na primeira estrofe do poema, a palavra “Vida” escrita em maiúscula sugere o poder soberano desta sobre o sonho, impedindo a idealização do amor, desarticulando o conceito do amor como “bom”, “belo” e “verdadeiro” que é estabelecido através dos tempos. Percebemos também no poema que uso da figura de linguagem antítese amar e esquecer, revela a inconstância do eu lírico.

Jurandir Freire Costa (1998) avalia que a maioria dos teóricos vê como a grande fonte do mito amoroso o texto de Platão *O Banquete*.<sup>4</sup> Segundo Costa (1998), são nos discursos que compõem o texto de Platão, o amor é representado como um impulso que dirige a um outro, homem ou mulher, do mesmo sexo ou do sexo oposto. Por fim, no poema analisado configura-se a idealização do amor, o qual sofre intervenções do mundo real, da vida.

Muito se tem dito e escrito sobre as relações entre vida e obra de Florbela. Ao que parece, a vida deixaria traços na obra que poderiam servir de interpretações para a compreensão do autor, ao passo que a obra poderia esclarecer pontos obscuros e silenciados na vida da escritora. Silviano Brandão, sobre a importância de se conhecer a biografia de um escritor, diz: “Não são simetrias entre vida e obra o que me interessa, talvez sejam tangenciamentos, pontos de causa de escrita. [...] É o que obriga a escrita”. (SILVIANO BRANDÃO, 2006, p. 25). Florbela sente uma necessidade de escrita, como se escrever fosse uma válvula de escape dos seus problemas.

### 3. Divino Instante: O Erotismo na Poesia de Florbela

A palavra erotismo provém do latim *eroticus* e do grego *erotikós*, que se refere ao amor sensual, carnal e à poesia de amor. No dicionário Houaiss é estado de excitação sexual; já no dicionário Aurélio, significa paixão amorosa. Octavio Paz (1994) diz que “a relação da poesia com a linguagem é semelhante à do erotismo com a sexualidade” e afirma:

A primeira coisa que diferencia o erotismo da sexualidade é a infinita variedade de formas em que se manifesta, em todas as épocas e em todas as terras. O erotismo é invenção, variação incessante; o sexo é sempre o

---

<sup>4</sup> Este texto se propagou pelo Ocidente, embora cada especialista tenha se apropriado a sua maneira dos sete discursos sobre o amor, na explicação dada o nome de Eros.



mesmo. O protagonista do ato erótico é o sexo ou, mais exatamente, os sexos. O plural é obrigatório, porque incluindo os chamados prazeres solitários, o desejo sexual inventa sempre um parceiro imaginário...ou muitos. Em todo encontro erótico há um personagem invisível e sempre ativo: a imaginação, o desejo. (PAZ, 1994, p. 16)

Já na visão do escritor e ensaísta francês Georges Bataille (1980), o erotismo rompe com a solidão intrínseca de todo ser por possibilitar o sentimento de fusão com outras pessoas. Conforme essas teorias, o erotismo se manifesta através do desejo que a persona lírica revela em estar perto do amado, rendendo-se aos desejos do corpo. Nessa perspectiva, a temática do amor erótico em *Charneca em flor* (2015) como a busca pela completude, é percebida no poema abaixo:

Frêmito do meu corpo a procura-te,  
Febre das minhas mãos na tua pele  
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,  
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por toda a parte,  
Sede de beijos, amargor de fel,  
Estonteante fome, áspera e cruel,  
Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma  
Junto da minha, uma lagoa calma,  
A dizer-me, a cantar que me não amas...

E o meu coração que tu não sentes,  
Vai boiando ao acaso das correntes,  
Esquife negro sobre um mar de chamas... (ESPANCA, 2015, p. 141)

Percebemos que se trata de uma poesia sinestésica, que o eu lírico utiliza para atrair a atenção do amado: cor e som; perfume; luz e sombra. Sentidos que são próprios do erotismo feminino. Os sentidos estão aguçados para viver momentos de paixão (“frêmito do meu corpo a procurar-te”). Para exprimir o desejo de ter o Outro, Florbela utilizou no poema o tato (“febre das minhas mãos na tua pele”); o olfato (“que cheira a âmbar, a baunilha e a mel”); visão (“olhos buscando os teus por toda a parte”) e o paladar: (“sede de beijos, amargor de fel/ estonteante fome, áspera e cruel”). Esse traço sinestésico da poesia permite a visualidade e os sentidos aguçados no corpo. Segundo Ludwig e Mata (2016), o corpo surge como metáfora que agrega sensações, emoções e sentimentos do

universo feminino. Para os autores, “as ideias a respeito do corpo são fundamentais para que se compreenda como as mulheres conceitualizam sua situação na sociedade” (2016, 127). Em relação ao corpo, Ludwig e Mata, ao analisar a obra de Frida Khalo, afirmam:

o erotismo é ululante como recurso de expressão artística, fato que leva aos estudos comparados dessas mulheres de vanguarda. Frida deixa visível as características marcantes do corpo feminino na maior parte de suas telas, usando o erotismo como recurso estético para a sua arte de influencia surrealista. (LUDWIG; MATA, 2016, p. 135)

Nesse poema, a representação do corpo se configura como um pulsar erótico, em que sensações, paixões e sentimentos afloram na poesia de forma pungente e febril.

Outro elemento que aparece frequentemente na poética de Florbela é a temática do vinho, como podemos observar no soneto Realidade:

Em ti o meu olhar fez-se alvorada  
E a minha voz fez-se gorjeio de ninho...  
E a minha rubra boca apaixonada  
Teve a frescura pálida do linho.

Embriagou-me o teu beijo como um vinho  
Fulvo de Espanha, em taça cinzelada,  
E a minha cabeleira desatada  
Pôs a teus pés a sombra dum caminho.

Minhas pálpebras são cor de verbena,  
Eu tenho os olhos garços, sou morena,  
E para te encontrar foi que eu nasci...

Tens sido vida fora o meu desejo  
E agora, que te falo, que te vejo,  
Não sei se te encontro... se te perdi... (ESPANCA, 2015, p. 88)

As figurações imagéticas como “rubra boca apaixonada”, “frescura pálida” e “Embriagou-me teu beijo como um vinho” assinalam as sensações eróticas a partir de imagens fortes e tensas do eu lírico. No segundo quarteto, o primeiro verso do poema o “eu” prepara para unir-se ao amado, indicando um contato mais íntimo entre os amantes (“Embriagou-me o teu beijo como um vinho”). Essa união sugere o erotismo da poesia de Florbela Espanca. Segundo José Régio anuncia no prefácio dos Sonetos que Florbela é a expressão poética de um caso humano:

A tê-la conhecido mais cedo, creio que me não teria passado despercebido o que logo impõe a quem leia os versos de Florbela; a sua poesia é dos nossos mais flagrantes exemplos de poesia viva. Quero dizer que toda nasce, vibra e se alimenta do seu muito real caso humano; do seu porventura real caso humano (RÉGIO, 1987, p.11).

A poesia de Florbela Espanca se rende aos apelos da existência, e se deixa levar pelos dispositivos da dor das emoções vividas por ela. Não há identificação da vida/obra que descaracteriza o viver e o escrever, separadamente, porque se caracterizam unidos no mesmo fluxo existente: “Nesse triste convento onde moro/ Noites e dias rezo e grito e choro,/ E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém... (FLORBELA, 1919, p. 24).

Agora observemos o soneto “se tu viesses ver-me”:

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,  
A essa hora dos mágicos cansaços,  
Quando a noite de manso se avizinha,  
E me prendesse toda nos seus braços...

Quando me lembra: esse sabor que tinha  
A tua boca... o eco dos teus passos...  
O teu riso de fonte... os teus abraços  
Os teus beijos... a tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,  
Traça as linhas dulcíssimas dum beijo  
E é de seda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha boca...  
Quando os olhos se me cerram de desejo...  
E os meus braços se estendem para ti... (ESPANCA, 2015, p. 43)

No soneto acima, a conjunção condicional “se” rompe as regras gramaticais, conforme Staiger (1997), e introduz uma ruptura logo no início do poema. A função aqui é de colocar o poema no nível de possibilidade do encontro com o ser amada (“se tu viesses ver-me hoje à tardinha”). Expressa a impossibilidade de obter o amor correspondido da pessoa amada, sugerindo seu desejo contido: “é como um cravo ao sol da minha boca”. Nesse poema, o eu lírico expressa suas reminiscências de seu amor passado que não pode mais ser obtido devido à ausência ou distância do seu amado.

No segundo quarteto temos a sensualidade exaltada do contato do físico dos amantes (“esse sabor que tinha”/ “tua boca...”/ “os teus braços”/ “Os teus beijos... a tua mão na minha”). As reticências podem ser associadas ao ato carnal entre os apaixonados. Segundo Santos Filho (2018, p. 126), “o sexo, principalmente para as mulheres ainda é visto como algo oculto, que não pode ser discutido em um grupo de amigos, como troca de experiências e relações de satisfação de prazeres da carne.” À mulher foi sempre negado a possibilidade de expressar seu amor, suas paixões e seu erotismo na cultura patriarcal.

### **Considerações Finais**

A poesia florbeliana é, portanto, em grande parte inspirada pela sua própria vida e pelas relações que fizeram parte dela, pois é de uma grande expressividade dramática, possui uma carga emocional que a torna diferente da poesia contemporânea. Ela é a sua obra e a sua obra é ela e em quase todos os seus poemas existem uma prova visível dessa identificação absoluta: “eu sou a que no mundo anda perdida/ eu sou a que na vida não tem norte (...) sou aquela que passa e ninguém vê (...) sou a que chora sem saber por que”. (ESPANCA, 2015, p. 32). A escritura de Florbela vai além do autobiográfico, pois apresenta ao leitor, através de suas angústias e anseios, de suas lutas e decepções, o panorama da sociedade em que vivia, da condição feminina naquele mundo predominantemente masculino e cristão, em que a mulher não deveria ser mais que uma sombra do homem.

O meu mundo não é como o dos outros, quero demais, exijo demais, há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem sei mesmo compreendo, pois estou longe de ser pessimista; sou antes uma exaltada, com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que não sente bem onde está, que tem saudades... sei lá de quê! (ESPANCA, 2015, p.10)

Enfim, a preocupação com o fazer poético nas poesias aqui estudadas cultiva uma reflexão, uma atitude de questionamento e uma tentativa de tradução do sentimento e do erotismo. Florbela Espanca caminha para a fusão da vida e da poesia, numa incessante busca da plenitude artística, do erotismo que se manifesta através do desejo que o eu lírico revela em estar perto do amado, em unir-se a ele, rendendo-se aos desejos do corpo e tornando-se escrava do prazer.

## Referências

ADORNO, Theodor W. *Notas Sobre Literatura*. Trad. Alfredo Muñoz. Madrid: Akal, 2003.

AGUIAR, E. C. R.; FERREIRA; R. S. Amor e Sofrimento em Segunda Tróia, de William Butler Yeats. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 04, Nº 02. Jul.-dez., 2018.

ALONSO, Cláudia Pazos. *Imagens do Eu na Poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

BARTAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BARTHES. R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. De Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

COSTA, J. F. *Sem Fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

ESPANCA, Florbela. *Antologia Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2015.

FALCÃO, M. S.; BUENO, R. P. M. Lavour'Arcaica: Imaginário, Tradição e Conflito em uma Representação. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 03, Nº 02. Jul.-dez., 2017.

FREITAS, A. S. Análise Literária e Quadrinhística e transposição do Conto Assassinatos na Rua Morgue, de Edgar Allan Poe. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 03, Nº 02. Jul.-dez., 2017.

GIDDENS. Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Fundação Unesp, 1993.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons, Ritmos*. São Paulo: Ática, 1998.

LUDWIG, C. R. Inwardness and Subjectivity in Early Renaissance. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 4, N° 2. Jul.-dez. p. 134 – 157, 2018.

LUDWIG, C. R.; MATA, C. M. A Metáfora do Corpo em Hilda Hilst e Frida Kahlo. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 02, N° 03. Número Especial., 2016.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 31ª edição, São Paulo: Cultrix, 2001.

PAZ, O. *A Dupla Chama: Amor e Erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.

PAZ, O. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

PAZ, O. *O Labirinto da Solidão*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

SANTOS FILHO, J. P. Escrita proibida: o viés erótico na poesia de Caio Fernando Abreu. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 04, N° 02. Jul.-dez., 2018.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.